



Círculo Intelectual e Trajetória Coletiva: usos de fontes biográficas e da prosopografia no estudo dos euclidianos (Paraná, anos 1940).

CAROLINE APARECIDA GUEBERT*

Quando os modelos macrosociais de explicação da sociedade (como o marxismo e o estruturalismo) foram colocados em cheque, sobretudo a partir dos anos 1980, tomou corpo um processo de revisão epistemológica que vem sendo, desde então, objeto de nossas reflexões de Teoria e que pode ser percebido nas práticas, técnicas, métodos e procedimentos de que dispomos atualmente ao “fazer história”. Se a *virada cultural e linguística* – para usar as palavras de José Murilo de Carvalho (2000: 127) – não pode ser ignorada, mesmo que não se partilhe das posições que reduzem tudo à linguagem ou a texto, em certo sentido, como explanou Jorge Iggers (2010: 122), aos historiadores do século XXI impôs-se, entre outros desafios, o de se estabelecer uma nova relação entre a história e as ciências sociais, que supere a sensação de um hiato criado entre o “culturalismo” e o mundo social.

Nesse cenário historiográfico, em que se consideram as diferentes escalas de análise em sua importância relativa (do micro ao macro) e em que se busca fugir aos fantasmas dos determinismos, concordando com Gomes e Hansen (2016: 10-11), “são abertas novas possibilidades de análise, mais propícias ao retorno dos sujeitos à História, inclusive e com destaque, para o que nos interessa: os intelectuais”. Tais anseios marcaram a formação de uma agenda de pesquisas de História Intelectual que – retomando Karvat e Machado (2015: 3) – mais que buscar revelar ideias, tem procurado, fundamentalmente, compreender o movimento de sua produção e circulação.

O percurso deste campo de estudos no Brasil geralmente tem sido lembrado em duas direções ou marcos teóricos¹: uma, de longa data, vinculada à tradicional história das ideias, na qual a autoria aparecia como determinante principal das obras e buscava-se desvelar o seu

* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestranda em História, Bolsista de Mestrado CNPq.

¹ Quando se tenta traduzir a noção de História Intelectual para outro contexto historiográfico nacional e para outra língua, como nos alerta Da Silva (2002: 14), os problemas tendem a surgir: a *Intellectual History* americana, mais voltada às preocupações linguísticas, difere da conotação francesa de *Histoire Intellectuelle*, que tende a se confundir com a história das ideias e com a sociologia da cultura. Cada uma, ainda que em diálogo, possuiria suas próprias designações.

conteúdo específico, às vezes inserindo-a em correntes de pensamento; a outra, mais ligada às ciências sociais, focaria em estabelecer relações entre as ideias e interesses de grupos sociais e/ou do Estado, na qual a ênfase recaía no contexto de produção das obras (CARVALHO, 2000; SILVA, 2002). Se, por um lado, ambos sofreram reordenamentos diversos na virada deste século, passando cada vez mais a ser entendidos antes como abordagens complementares do que opostas, por outro, de acordo com Jeferson Martins (2015: 21-22), no processo de definição e delimitação do seu objeto, o historiador parece ainda ver se confrontarem essas duas possibilidades entre as quais deveria optar: mesmo que entendida como uma escolha metodológica, tal dicotomia (aparente) tende a retornar como uma cilada ao longo da pesquisa, uma vez que o trabalho intelectual nunca pode ser completamente explicado pela análise social, tampouco se pode negligenciar que as ideias partem da mente de homens de *carne e osso*, com *engajamentos e interesses*.

Em trabalho recente intitulado “Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política”, Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) situam, nas últimas décadas, um processo de “dessacralização” da figura do intelectual – em que pese aí a redefinição da própria noção de intelectual – que não mais poderia ser mobilizada como universalmente válida, nem atender aos critérios de legitimidade do campo intelectual em que se realiza a análise no presente (onde a universidade é o espaço dominante da produção). Atesta-se, a partir daí, um deslocamento do lugar que os diversos intelectuais ocupam nas narrativas: deixam de ser coadjuvantes de uma história das ideias alheia às condições e as vivências de seus produtores, bem como de uma história das mentalidades, coletiva e serial, em que as individualidades não eram bem-vindas. Ao passo que as variáveis culturais passam a assumir um lugar central na compreensão acerca das “visões de mundo”, esses personagens são pensados cada vez mais em articulação com seus pares e com a sociedade mais ampla – isto é, em relação a um processo de formação, iniciação e inserção. Nesse sentido,

a proposta de se fazer uma história dos intelectuais incorpora duas categorias fundamentais. A primeira é a de trajetória intelectual [...] O estudo de trajetórias, individuais ou coletivas, [que] não se faz sem a articulação às redes e lugares, cuja construção e ação devem ser analisadas para a compreensão das intenções e ações desses atores. Do mesmo modo, não se faz sem referência à geração, uma segunda categoria fundamental à história dos intelectuais, que se caracteriza não como um “grupo de idade”, mas principalmente como um grupo de formação (GOMES; HANSEN, 2016: p. 24-25).

Tributária dessas preocupações, a pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado volta-se ao círculo de indivíduos que entre o fim dos anos 1940 e o início dos anos 1950 deu ensejo, na cidade de Ponta Grossa no Paraná, ao Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC)². Esta proposta, por si só, envolvia duas faces de um mesmo problema: enquanto problematizamos o termo intelectual como uma categoria nativa do grupo, foram definidos os critérios quantitativos e qualitativos de seleção dos personagens. Optou-se por focar no círculo fundador, que institucionalizou e atuou no *Centro* nos anos 1950, tendo por base não apenas os indícios oficiais que demarcavam os sócios efetivos e ocupantes de cargos, mas considerando, também, personagens que se revelaram atuantes nos bastidores³. Tal operação somente foi possível ultrapassando-se os limites institucionais, retornando para antes do CCEC e olhando para fora dele – para espaços da cidade e para as trajetórias desses sócios – para compreendê-lo, o que, por sua vez, exigiu que outras fontes (biográficas, por exemplo) fossem unidas às do acervo institucional.

Cabe lembrar que existe uma gama de trabalhos que analisaram a trajetória intelectual e as realizações culturais de Faris Michael (o aglutinador e líder do grupo), contudo, ainda que eles tenham tocado de alguma maneira na atuação dos outros sócios do CCEC, a relação social destes com ele e com a própria instituição permanecia um tanto obscura e, geralmente, objeto de generalizações. Dito isto, não deixávamos de questionar: quem eram esses indivíduos que se reuniram para realizar e ouvir conferências mensais, escrever um periódico trilingue e reinventar a “capital cívica do Paraná” (como a cidade era conhecida na imprensa do estado) com celebrações euclidianas? Quais eram suas origens sociais, formações, ocupações profissionais? Que tipo de disposições corporais, intelectuais, afetivas e de sociabilidade os unia, afinal, nesses projetos?

Conforme a pesquisa avançava, o contingente de sócios do CCEC revelou-se uma estratégia fundamental para a sua própria abertura e consagração. A dificuldade inicial residia

² Este *Centro* nasceu articulado a um movimento cívico-letrado mais amplo – o Euclidianismo – que encontramos com formatos diferentes no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Norte ao longo do século passado. Os empreendimentos editoriais, educacionais e cívicos mobilizados pelos grêmios, casas e centros euclidianos, especialmente nos decênios de 1930 a 1950, revelam facetas fundamentais para se compreender a circulação e a canonização de Euclides da Cunha no Brasil. O CCEC existiu, sofrendo transformações, até meados dos anos 1980. Nesse tempo editou seu periódico literário próprio, o Tapejara (1950-1976), promoveu conferências mensais, entre outras atividades.

³ Os euclidianos paranaenses encontravam-se organizados oficialmente em trinta cadeiras de sócios efetivos (além de seis suplentes), todos eles homens, em 1949, entretanto, desde fins de 1947, vinham anunciando as cadeiras do CCEC que se encontravam vagas e que foram sendo preenchidas nos anos seguintes.

em se tratar de um grupo numeroso de pessoas – selecionamos 40 indivíduos – mas esse elemento revelou-se, ele próprio, um sintoma dos tipos de capitais que se encontravam disponíveis e eram mobilizados por eles. A distribuição estratégica de cargos a um grande número de sócios – ainda que isso não significasse uma ampla distribuição de poder de decisão ou espaço de produção internos – parece ter sido uma das condições de sua inserção no meio social das elites, já que o *Centro* reuniu indivíduos conhecidos, devido a suas famílias, carreiras e/ou atuações em outras instituições prestigiadas nestes mesmos meios. Daí a opção metodológica de, ao invés de selecionar um ou dois desses personagens centrais, pensá-los e mostrá-los em seu círculo de sociabilidades.

Profissionais liberais, atuantes em cargos públicos, destacando-se as categorias de advogado, professor, médico e jornalista na sua composição, os euclidianos se notabilizaram como apreciadores da oratória, da palavra escrita e das novidades culturais e literárias então produzidas no país. Nesse panorama, destaca-se que não se conhecia um alto grau de divisão do trabalho social. Articulados em redes de sociabilidades de elite e lançando mão de uma gama de estratégias (de linguagem, de publicação, de recrutamento, etc.), pareciam ativá-las visando à abertura, o reordenamento ou a disputa de posições culturais e políticas mais amplas.

Tendo isso em vista, a categoria trajetória aqui mobilizada, conforme a noção de Pierre Bourdieu (1986), contrasta tanto às generalizações contextuais abstratas, quanto aos relatos dotados de sentido linear. Através dela, podemos operar recortes temporais e espaciais nos quais interessa menos um percurso de vida, aquele que sai de um ponto inicial para cair num ponto final, e mais a movimentação dos agentes num determinado espaço social em transformação – numa configuração ou campo intelectual – ocupando posições, mobilizando estratégias e práticas de leitura e escrita.

Partindo do pressuposto que os agentes têm uma apreensão ativa do mundo, isto é, que constroem a sua visão de mundo, mas que ela é operada a partir de condições estruturais, suas *tomadas de posição* parecem indissociáveis da história social de suas famílias e das trocas que partilhavam entre si, mediadas por uma série de lugares e redes específicos como, no caso dos euclidianos, a igreja, o colégio secundário e os clubes de lazer e voluntariado⁴. Estes espaços

⁴ Os Clubes de Serviços, de caridade e de lazer, como o Rotary Club e a Sociedade Pontagrossense de Puericultura, revelaram-se lócus que deram lugar à circulação de ideias de literatura e de ciência e a práticas de sociabilidade que prezavam pela harmonia social e pelo civismo, que marcaram a produção dos euclidianos.

são produtores do que Bourdieu chama de disposições corporificadas partilhadas que, como tal, envolvem sensibilidades e solidariedades próprias.

É desta perspectiva – relacional – que o método prosopográfico ganha sentido. Segundo Heinz (2011), atentando aos circuitos de relacionamento nos quais estavam inseridos, é aquilo que cada um tem em comum (ou em que difere) com o conjunto dos membros do grupo, o elemento que nos ajuda a compreender o sentido de sua trajetória coletiva, isto é, para restituí-los não ao seu contexto geral e abstrato, mas à especificidade de lugares sociais e institucionais no quais estavam inscritos ou que almejavam ocupar⁵.

O método prosopográfico constitui uma “investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas (...) um conjunto de questões uniformes a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados” (STONE, 2011: 115).

Através da montagem de fichas individuais e posteriormente de um quadro coletivo, foram reunidos e comparados dados biobibliográficos dos euclidianos a partir das seguintes categorias criadas: nome; ano e local de nascimento e morte; filiação (e profissão dos pais); curso superior; ocupação profissional no momento de entrada no CCEC; carreira; espaços de sociabilidade de elite; cargos políticos; tipo de produção; principais periódicos em que publicou; livros de sua autoria. O perfil biográfico dessas informações interessava menos que os problemas que elas podem suscitar. O método, assim, é entendido não como uma finalidade em si mesma, mas como uma ferramenta dependente das questões a ela lançadas e que dela possam dispor.

Esses elementos possibilitaram mapear interseções entre trajetória individual e coletiva, espaço urbano, instituições de ensino, formas inserção e mecenato. Delimitamos que os agentes atuantes na institucionalização do CCEC não respondiam, como suspeitávamos, apenas aos ocupantes de cargos ou nomes presentes nas listas oficiais. A chave para encontrar

Esses espaços, anteriores e concomitantes ao próprio *Centro*, abrigaram e promoveram redes, vivências e sensibilidades importantes na conformação do grupo, incluindo-se aí o recrutamento de discípulos e a veiculação de ideias a um público escolar e urbano.

⁵ Sobre o método prosopográfico ver: Heiz (2011). Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Flavio Heiz pela leitura cuidadosa do meu projeto de pesquisa ainda em sua fase inicial e pelas suas contribuições ao Seminário da Linha de Pesquisa “Espaço e Sociabilidades” do PPGH, quando da sua participação em 2016.

essas rotas foi encontrada na interseção entre trajetória individual e coletiva: pensar os euclidianos a partir das suas relações com Faris Michaelle possibilitou revelar formas de mecenato em momentos diferentes da sua carreira, como o casamento da irmã, que garantiu certa estabilidade econômica à família, além de um espaço físico para as primeiras reuniões do agrupamento; ou então a presença semanal do futuro presidente euclidiano na imprensa através de um ex-aluno, cuja família era proprietária de jornal, onde Michaelle começou a recrutar escritores locais, alguns muito jovens.

A prosopografia permitiu revelar, ainda, práticas de oratória e de leitura que uniram os euclidianos desde a infância e/ou a juventude, que estiveram ligadas à sua passagem por espaços específicos através do tempo e do espaço, como os Ginásios da Primeira República, um elemento da sua formação que parece incidir em seu viés interpretativo. Na construção dos dados, destacamos que o círculo era formado por colegas, ex-alunos dos euclidianos mais velhos e agentes que tinham como ocupação profissional (principal ou secundária) a educação escolar, que se interligaram de diversas formas – em alguns casos, acumulando-as – a um espaço específico da cidade de Ponta Grossa: o Colégio *Regente Feijó*. Fundamental para recompor a trajetória coletiva do grupo, o pertencimento ao quadro de discentes, funcionários e lentes do colégio, onde alguns dos futuros integrantes do *Centro* se conheceram e outros se tornaram mais próximos, revela-se, para além de um ponto em comum entre seus percursos individuais, um elemento relevante para compreender o processo de conformação e recrutamento dos euclidianos. Na hipótese levantada em nosso trabalho, o referido Colégio ocupa um lugar na iniciação intelectual, na expansão do capital social, no recrutamento de discípulos. Nas dinâmicas de produção, carreira e consagração do agrupamento e, assim, do repertório de imagens com que o grupo veicula e gera sua identidade (MICELI, 2001: 349).

Atente-se, junto a Sergio Miceli (2001) que as condições sociais e culturais que regem a produção das biografias, dicionários biográficos, antologias e necrológios consultados, englobam a história dos processos de reprodução responsáveis pela própria existência social e reconhecimento simbólico do grupo ao longo do tempo. Com isso, o autor chama atenção, para a própria lide com esse material: o pesquisador deve ter em mente que os processos mencionados repercutem nos investimentos e gêneros que compõem o acervo disponível sobre o grupo estudado. Considere-se aí o lugar ocupado por nossos personagens em Ponta Grossa, onde ruas, escolas e bibliotecas carregam seus nomes e, especialmente Faris

Michael, aparece como um divisor de águas no imaginário da história da cidade⁶. Com essa perspectiva analítica das fontes biográficas, ao invés de apenas mobilizar as informações biográficas, propõe-se problematizar a maneira como elas são construídas e ressignificadas ao longo do tempo. No estudo dos euclidianos, por exemplo, desvela-se que os próprios integrantes do grupo investiram na construção e na preservação de uma memória de Faris Michael – e por extensão, do grupo – como expressão de uma vanguarda cívico-cultural. Pacto grupal raras vezes rompido⁷.

Como os esquemas de produção de práticas (sociais, culturais, intelectuais) funcionam também como um sistema de percepção e apreciação destas mesmas práticas, a conquista de prestígio era (re)produzida pela fidelidade ao credo e as práticas comuns do grupo. Os agentes do CCEC, assim como os polígrafos desvelados por Sergio Miceli (2001: 87), foram objeto de verbetes e “narrativas biográficas em que tudo se passa como se fossem os beneficiários de um processo de adensamento de ‘espiritualidade’ ao cabo do qual o ‘criador’ suplanta a ‘criatura’”. Seus comentaristas, resenhistas e organizadores de antologias dos ‘melhores’ e dos “ilustres” locais assinalavam, sempre que ocorrida, a passagem destes indivíduos pelo *Regente Feijó*, por vezes iniciando mesmo por esse detalhe – a escola seleta – associado àquilo que consideravam uma trajetória letrada e profissional de sucesso.

A utilização das fontes biográficas, portanto, não pode deixar de considerar que todo documento é produto da ação de homens, de intenções e de representações individuais e coletivas, e, além disso, que estes, em especial, são fundados sobre a concepção comum que têm as elites de seu próprio meio⁸ (HEIZ, 2011: 155).

Por tudo isso é que ainda que realizada a mais de cem anos pelos historiadores europeus, a prosopografia, tal como se desenrola hoje, não se limita a preocupações

⁶ Os euclidianos são lembrados como Fundadores das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (1949) e de Direito (1957), do Museu “Campos Gerais” (1949), do Centro Interamericano (1944), do jornal *Tapejara* (1950), entre outras iniciativas. Veja-se a forma que Wanke (1998, p. 7), membro do Centro e biógrafo de Faris Michael se refere ao tema: “podemos dividir a História Cultural da cidade em duas fases: a.F e d.F - antes de Faris e depois de Faris”.

⁷ Rastrear momentos de crise ou de quebra das redes, nesse sentido, pode ser uma maneira de se romper com a “ilusão biográfica” atribuída aos indivíduos e grupos, que eles mesmos se esforçam para manter.

⁸ Decorrente disso, a diferença no volume de informações sobre os indivíduos é um dos problemas que o pesquisador enfrenta. Além de padronizar as informações através de categorias, parece-me fundamental analisar as próprias lacunas como parte da história desses grupos e das suas posições dominantes e dominadas: “Tudo o que aparece no *Who’s Who* ou nos dicionários biográficos – notoriedade pública, laços familiares, riqueza, influência política, excelência profissional – constitui um capital ou capitais que não estão igualmente distribuídos ou disponíveis para o conjunto (...) parte de dirigentes que compõem a amostra – os repertoriados – possuía, provavelmente, capitais em volumes mais importantes que os dois terços restantes que não aparecem em anuários sociais ou dicionários políticos” (HEINZ, 2011: 163).

tradicionais. Conforme Bertrand (2012: 51), ainda reúne-se, através dela, dados biográficos de indivíduos que conformam um grupo social identificável, construindo coleções de personagens, calculando e comparando as suas características exteriores com o propósito de desenhar um perfil social e histórico comum. Porém, incorpora-se toda uma dimensão de corte qualitativo. Esta, graças a sua diversificação de aplicação, tem permitido estudar grupos sociais que não possuem necessariamente um estatuto socioprofissional bem definido e a superar definições estanques de grupo social, não mais feitas exclusivamente a partir de critérios estruturais (jurídicos, econômicos ou profissionais). A prosopografia, ao contrário, pode ser usada para reintroduzir, nas análises, o ator social, suas manobras, estratégias, negociações e jogos, aspectos que não podem ser medidos somente com os indicadores estruturais.

Quando se tem em mãos um grupo extenso, marcado por um recrutamento numeroso que renovou seus quadros ao longo dos anos, a lide com as fontes e a investigação da trajetória difere dos casos em que o objeto envolve um ou poucos personagens centrais. A trajetória coletiva – via enfoque prosopográfico – entra então como uma solução. A grande questão, que cabe a cada pesquisador desvendar, reside em como restituir historicidade e dinamismo a um quadro aparentemente estático de informações, no qual a simples comparação, embora necessária, é insuficiente para uma análise mais complexa.

A montagem desse tipo de retrato, não há como negar, revela-se trabalhosa e cansativa, um verdadeiro quebra-cabeça que sempre terá peças faltando. Como buscamos remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente, nossos métodos de analisar, comparar e classificar muitas vezes provocam a sensação de que estamos entre a adivinhação e a decifração do passado. Essas operações, afinal, não estariam tão longe uma da outra no sentido que Carlo Ginzburg (1990) lhes atribui: o de que o saber que praticamos é de tipo venatório. O resultado da “caça” dependerá da maneira como o observador resolve unir e dispor as pistas e os dados encontrados para dar lugar a uma sequência narrativa.

Acompanhando os debates contemporâneos da historiografia, inspiramo-nos num “modo de fazer”, entre outros possíveis, para estudar os euclidianos e o seu *Centro*, entre fenômenos literários e extra-literários. O objetivo desta comunicação foi compartilhar, ainda que brevemente, anseios e considerações teórico-metodológicas que surgiram durante a minha dissertação de mestrado (que está em andamento), especialmente os usos que fizemos do

método prosopográfico e das fontes biográficas na demarcação de elementos para a leitura de uma trajetória coletiva de homens de letras do século passado.

Referências

BERTRAND, Michel. De la família a la red de sociabilidad. **Páginas**, revista digital de la escuela de história, ano 4, n. 6, 2012.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Ciências Sociais** (62/63):69-72, juin 1986.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, 2000.

DA SILVA, Helenice Rodrigues. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOMES, A. C.; HANSEN, P. S. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2016.

HEIZ, Flavio M. Nota sobre o uso de anuários sociais do tipo who's who em pesquisa



prosopográfica. In: _____ (org). **História social de elites**. Editora Oikos: São Leopoldo, 2011.

IGGERS, George. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia**, num. 04, mar, 2010.

KARVAT, E. C.; MACHADO, V. F. Intelectuais e História: experiências, gerações, mediações. **Anais...** ANPUH - Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Natal, 2015.

MARTINS, Jefferson Teles. **O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais**: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956). TESE (Doutorado em História) – PUCRS. PORTO ALEGRE, 2015.

MICELI, **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19. n. 39, jun. 2011.